

Videobrasil aposta na força dos autores da periferia do mundo

A 12.ª edição do festival, que começa hoje no Sesc Pompéia, traz mais de meia centena de vídeos dirigidos por realizadores de países como Indonésia e Líbano

ANTÔNIO GONÇALVES FILHO

Thierry Barbier e o realizador inglês David Larcher, que também vai mostrar seus trabalhos. Outra presença marcante é a da dupla francesa Lefdup & Lefdup, que vai apresentar a performance *Home of the Page* entre sexta e domingo.

Participação - Uma novidade no Videobrasil é o Speakers Corner, reaberto aqui de *Box 21*, gabinete de gravação automática para incentivar a interação. O público participa da programação do canal como na Citytv de Toronto, no Canadá, um exemplo de emissora comunitária que garante espaço livre para o telespectador se manifestar. Aqui, o Canal 21 vai editar um programa que fará parte da mostra.

De todos os projetos, o mais ambicioso, porém, é o do italiano Fabrizio Plessi, *Deposito dell'arte*, não só por suas dimensões, mas, principalmente, porque representa um projeto utópico desse que é considerado um dos maiores artistas contemporâneos em atividade na Europa.

São 12 caixas de dimensões pantagruélicas, contêineres batizados individualmente com obras que integram uma pequena retrospectiva dos trabalhos de Plessi, de desenhos a instalações como *Bombay, Bombay*, reflexão sobre a relação mística do povo indiano com o Ganges, traduzida por montanhas de algodão e monitores de vídeo que ocupam o lugar do rio.

O inglês David Larcher, que mostra seu trabalho pela primeira vez no Brasil, comparece com uma obra inédita da série (infindável) *Ich Tank*. Larcher, aos 56 anos, é um ve-



...A FIELD OF RED IRIS, IL FIGLIO ROSSO...

Red Iris CD Plus, da autora australiana Kate Richards: novidade vinda do país que vai ser a sede da próxima Olimpíada

terano do vídeo (trabalha há mais de 20 anos com o suporte). O primeiro trabalho da série *Ich Tank* é de 1983. Na época, Larcher morava em Berlim e seu alemão era tão precário quanto se pode esperar de qualquer estrangeiro. Vai daí que o inglês resolveu brincar com as palavras, principalmente aquelas de pronúncia mais difícil. Recorrendo aos estruturalistas e a Lacan, fez uma série de programas com a duração de uma sessão de psicanálise, mas eles são tão parecidos que nem mesmo o autor sabe diferenciá-los.

Também a performance idealizada por Jerome Lefdup, *Home of the Page*, tem algo de psicanalítico, na medida em que comenta os procedi-

mentos dos usuários da Internet. Músicos e dançarinos fazem um show ao vivo contracenando com imagens projetadas em telões e informações geradas pela Internet. O pano de fundo é uma história de amor intermética, prejudicada, naturalmente, pelos ruídos da rede.

Histeria da mídia - Os vídeos em competição também comentam a febre e a dependência tecnológica (como *Number, Zapping ou Rapt*, para ficar apenas em três exemplos), mas ainda prevalece o tom confessional dos realizadores, devidamente comentado por Carlos Nader em seu auto-retrato em negativo (*Carlos Nader*), o qual promete

revelar um terrível segredo ao espectador, frustrando seu anseio de escândalo. A idealizadora e diretora do festival, Solange Farkas, garante que há outros bons exemplos paródicos sobre a histeria da mídia, citando o vídeo de Janet Mereweather, *Cheap Blonde*. Nessa obra de vídeoarte que dura 5 minutos, a australiana brinca com uma definição de cinema por um diretor fanzoso (provavelmente Truffaut). "Cine-

DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA É TEMA DE MUITAS OBRAS

ma é a história do homem...n filmando a mulher", repete uma voz em off, enquanto uma loira exercita seu poder de sedução diante da câmera. Até o epílogo, a frase será invertida, colada, recortada e subvertida ao extremo. Vídeoarte e performances ajudam a atrair público, que este ano deve chegar a 25 mil pessoas ou mais, segundo previsão dos realizadores. O festival cresceu e hoje conta com uma infra-estrutura impensável no passado, gastan-



'Carlos Nader', vídeo que está na mostra competitiva: autobiografia precoce levada em tom de paródia pelo brasileiro



'Abode of the Gods', dirigido por Colin Douglas, do Peru: o Taj Mahal entra no circuito da arte eletrônica em tempos de Internet



'A Refutation of Time', de Luis Valdorino, Jan Boord e Greg Durbin: o meio é a mensagem

TELEVISÃO INTERATIVA COMUNITÁRIA É NOVIDADE RESERVADA PARA O VISITANTE

ela primeira vez desde sua edição pioneira, em 1983, o festival Videobrasil vai ocupar três locais diferentes com programação inédita e exclusiva. A 12.ª edição do Videobrasil começa hoje e vai até o dia 27 no Sesc Pompéia, seguindo depois para o Sesc Ipiranga (de 30 a 4 de outubro) e o Sesc Vila Mariana (de 7 a 11 de outubro) com exposições, performances e mostra competitiva, que reúne 97 autores de países como Austrália, México, Israel, Líbano e Argentina, entre outros. Foram selecionados 58 vídeos e 12 CD-ROMs entre quase 300 títulos.

A mostra competitiva vai distribuir este ano mais de R\$ 17 mil em prêmios aos três primeiros colocados e o Prêmio Aliança Francesa/INA à melhor animação. A melhor produção paulistana será premiada com uma câmera Sony Handycam, concedida pelo Canal 21, patrocinador da mostra, realizada em parceria do Sesc com a Associação Cultural Videobrasil. O festival deste ano também vai estar na Internet por intermédio de uma home page, com exibição de trechos dos trabalhos, entrevistas com artistas e links ao vivo (o site é www.videobrasil.org.br).

A parceria com o Sesc São Paulo e o Canal 21 está permitindo a expansão do festival, cuja presença internacional pode ser avaliada pelos nomes dos participantes (o italiano Fabrizio Plessi, por exemplo) e convidados do júri (o alemão Zielinsky, o americano Steve Seid, o francês

'Carlos Nader': segredo que não é revelado e denúncia da histeria confessional dos novos videomakers sem perder o humor de quem usa a própria imagem como paródia



Autores singulares discutem a importância da palavra

São os brasileiros Éder Santos e Carlos Nader e a australiana Janet Mereweather

A mostra competitiva do Videobrasil traz filmes da Austrália, do Brasil, do Chile, da Coreia do Sul, da Indonésia, de Israel, do Líbano e do México, entre outros países. Por mais que o mundo intermético tenha tentado uniformizar essas culturas, a singularidade de alguns realizadores é tão transparente que muitos já merecem o título de autor. O caso dos brasileiros Éder Santos e Carlos Nader e da australiana Janet Mereweather. É a última um dos mais engraçados vídeos da mostra, *Cheap Blonde*.

Janet Mereweather fez um vídeo para provar que a palavra já perdeu há muito sua força original transformadora. Brinca com a articulação das imagens no cinema como um fenômeno de desejo masculino, de submeter

a figura a um esvaziamento completo. Só diante de uma mulher reduzida ao zero absoluto esse homem pode realizar suas fantasias. Essa é a tese.

O vídeo de Éder Santos, *Tamíthnas*, trata dessa correspondência entre palavra e imagem não de modo paródico, mas poético. Recorre a imagens de álbuns familiares para traçar a genealogia do fracasso amoroso. Carlos Nader, em um vídeo autobiográfico, brinca com a histeria dos realizadores de vídeo empenhados em "depósitos pessoais", prometendo revelar um segredo que, afinal, permanece com ele.

Se há um ponto em comum entre todos esses vídeos é justamente a tentativa de estabelecer uma sintonia interpessoal sem artifícios, uma abordagem brechtiana que se diferencia do cinema por força do distanciamento. Pena que a resposta do vídeo ao cinema seja a de um filho enfeitado, que usa velhos truques (slow motion, figuras fora de foco) para anunciar um novo tempo. (A.G.F.)

TRABALHOS BUSCAM SINTONIA SEM ARTIFÍCIOS